ENTRE TRAÇOS E MEMÓRIAS: MAPAS MENTAIS COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

Autor(res)

Rosiane De Morais
Neuza Soares Carneiro
Luciana Paes De Andrade

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

UNIVERSIDADE ANHANGUERA UNIDERP - CEARÁ

Introdução

A utilização de mapas mentais no ensino de Ciências e na Educação Ambiental Crítica possibilita compreender como os estudantes constroem e expressam suas percepções sobre o meio ambiente e suas relações com o território em que vivem. Mais que representações gráficas, os mapas configuram-se como estratégias de investigação e diálogo, permitindo que experiências, memórias e saberes locais sejam traduzidos em imagens e símbolos que revelam múltiplas formas de significar o espaço vivido.
Essa abordagem encontra respaldo na metodologia de Kozel (2014), que, fundamentada em Bakhtin, compreende os mapas como enunciados dialógicos, em que cada traço carrega intencionalidade e historicidade. Tal perspectiva permite analisar a relação entre indivíduo, comunidade e natureza como processo de comunicação e construção coletiva do conhecimento.
Neste sentido, o trabalho com mapas mentais também dialoga com a pedagogia freiriana, na medida em que promove a leitura crítica da realidade e o exercício da autonomia, transformando a escola em espaço de encontro entre saberes populares e científicos (Freire, 1996). Nessa direção, os mapas tornam-se instrumentos de conscientização, revelando desigualdades, problemas ambientais e práticas de resistência presentes no cotidiano.
Assim, na perspectiva da complexidade de Morin (2005), assumem ainda caráter integrador, articulando dimensões subjetivas e coletivas, locais e globais. No contexto da EJA, em que trajetórias de vida e memórias são centrais, a prática pedagógica com mapas mentais extrapola a representação gráfica e se converte em caminho metodológico para potencializar a participação crítica e o protagonismo discente.

Objetivo

Identificação da percepção ambiental de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio de mapas mentais.

Material e Métodos

A pesquisa adota abordagem qualitativa de caráter descritivo e interpretativo, fundamentada na perspectiva dialógica da Educação Ambiental Crítica. A opção pela metodologia qualitativa permitiu compreender significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e percepções, priorizando a escuta, o diálogo e a valorização das

trajetórias de vida. Assim, o estudo buscou investigar as representações ambientais construídas por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da elaboração de mapas mentais, compreendidos como instrumentos de expressão, reflexão e produção de sentidos sobre o território vivido.

Nesse contexto, o trabalho foi realizado na Escola Estadual de Escola Estadual de Ensino Fundamental Virgínio Pereira, localizada no distrito de Nova Almeida, município da Serra, Espírito Santo, junto as turmas da modalidade EJA. Participaram da pesquisa seis estudantes, convidados a elaborar mapas mentais sobre suas percepções ambientais e suas relações com o território. Em seguida, a coleta de dados ocorreu em encontros mediados por atividades orientadas, nas quais os alunos produziram os desenhos, narraram suas escolhas e compartilharam interpretações com o grupo.

Para a análise dos mapas, adotou-se a proposta metodológica de Kozel (2014), fundamentada na Filosofia da Linguagem de Bakhtin. Desse modo, os mapas foram compreendidos como enunciados dialógicos, em que cada traço e ícone expressa intencionalidades, memórias e historicidades. Consideraram-se categorias como a forma dos elementos, a distribuição espacial, a especificidade dos ícones e a presença de aspectos sociais ou simbólicos, como desigualdades, violências e práticas de resistência.

A análise foi realizada por rodas de conversa e registros de campo, integrar dimensões gráficas, narrativas e contextuais. A metodologia constituiu um processo de leitura crítica do espaço vivido, articulando vivências individuais e coletivas em diálogo com a Educação Ambiental Crítica.

Resultados e Discussão

A análise dos mapas mentais produzidos pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Estadual de Ensino Fundamental Virgínio Pereira em Nova Almeida/ES, revelou representações que articulam natureza, sociedade e cultura de forma integrada. Logo no início da leitura, percebe-se que a paisagem natural ocupa posição central nos desenhos: árvores, rios, animais e o mar aparecem com destaque, evidenciando o vínculo direto dos sujeitos com o território e a importância do ambiente natural em suas identidades. Como afirma Kozel (2014), cada traço carrega intencionalidade e historicidade, configurando-se como enunciado dialógico que traduz experiências e modos de significar o espaço vivido.

Além disso, os mapas trazem elementos da vida social, como casas, ruas, praças e escolas. Essa composição híbrida reforça a compreensão de que o ambiente resulta da interação entre dimensões ecológicas e socioculturais, em consonância com a concepção de complexidade de Morin (2005). A realidade, nesse sentido, é percebida de forma integrada, sem separar natureza e sociedade, mas entendendo-as como partes interdependentes do mesmo território.

Outro aspecto importante foi a representação de problemas ambientais, como lixo, poluição de rios e desmatamento. Ao registrar tais elementos, os alunos não apenas descrevem o ambiente, mas evidenciam uma postura crítica diante de contradições vividas no cotidiano. Essa problematização se aproxima da pedagogia freiriana, que compreende a educação como prática de conscientização e transformação social (Freire, 1996). Assim, os mapas tornam-se instrumentos de denúncia e reflexão coletiva sobre as desigualdades socioambientais que atravessam a comunidade.

Ainda, os desenhos incorporaram referências culturais e afetivas, como festas religiosas, pescarias e momentos familiares. Esses elementos ampliam a noção de meio ambiente, incluindo dimensões simbólicas e identitárias. Loureiro (2004) lembra que a Educação Ambiental Crítica deve valorizar a cultura como espaço de produção de sentidos e resistência. Nos mapas, a presença dessas representações revela o entrelaçamento entre memória, território e identidade, reafirmando o pertencimento dos sujeitos ao espaço em que vivem.Por fim, merece destaque a centralidade da escola em muitos mapas, representada como ponto de encontro e núcleo de

organização territorial. Esse lugar de destaque confirma a importância da instituição como mediadora entre saberes populares e científicos, legitimando seu papel social. Conforme Carvalho (2006), quando a escola articula práticas pedagógicas críticas, torna-se espaço de emancipação e de construção de novas possibilidades de transformação social.

Em síntese, os resultados apontam que os mapas mentais ultrapassam a função de recurso gráfico e assumem caráter pedagógico complexo. Eles permitiram que os estudantes expressassem leituras críticas da realidade, ressignificassem suas identidades e refletissem sobre problemas e potencialidades do território. Assim, na articulação entre a perspectiva dialógica de Kozel, a pedagogia freiriana e a complexidade de Morin, os mapas se consolidam como instrumentos de emancipação e de protagonismo discente, favorecendo a construção de uma educação ambiental comprometida com a justiça social e a valorização da diversidade.

Conclusão

A utilização dos mapas mentais demonstrou-se potente para revelar percepções ambientais e fortalecer o protagonismo dos alunos da EJA. Ao integrar dimensões naturais, sociais e culturais, eles possibilitaram a leitura crítica da realidade e a valorização das memórias coletivas. Assim, consolidam-se como recurso metodológico que promove conscientização e transformação no contexto da Educação Ambiental Crítica.

Referências

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOZEL, S. Mapas mentais: uma proposta metodológica para a educação ambiental. In: CARVALHO, I. C. de M.; GRÜN, M.; TRAJBER, R. (org.). Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2014. p. 157-176.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (org.). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2006. p. 65-86.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.